



Vila Velha de Numão.

Registo arqueológico de um espaço medieval duriense

Isabel Alexandra Lopes *
Heloísa Valente dos Santos *
Paula Barreira Abranches *

Em 1995, integradas numa das equipas de investigação do GEHVID, iniciamos um projecto de estudo de Vila Velha de Numão, um antigo povoado implantado sobre o vale do Douro, do qual hoje resta o seu imponente castelo com a aldeia moderna “a seus pés”.

Aliciadas pela perspectiva de desenvolvermos um projecto de investigação próprio e encantadas pela beleza da paisagem, avançamos para o terreno, com os primeiros levantamentos topográficos no castelo.

Em Setembro de 1996, iniciamos os trabalhos arqueológicos que se prolongaram até 2001, em campanhas anuais com duas semanas de duração, contando com a colaboração de jovens da aldeia e alunos universitários em regime de voluntariado.

O presente texto resume os resultados obtidos durante a investigação desenvolvida.

Enquadramento

Localizada junto ao vale do Douro, ocupando o único afloramento granítico da região, a aldeia de Numão (concelho de Vila Nova de Foz Côa) encontra-se profundamente marcada por um relevo acidentado que condiciona a sua estrutura agrária, associando-a essencialmente à cultura da vinha e da amendoeira.

A sua posição geográfica estratégica associada à proximidade de linhas de água, favoreceu desde muito cedo a fixação de populações no morro do castelo de

* Arqueóloga



Aspecto da Igreja de São Pedro de Numão em 2006

Numão. Os primeiros vestígios reportam-se à pré-história recente, tendo sido encontrados numerosos fragmentos cerâmicos atribuíveis ao Calcolítico/Bronze, sementes de três espécies distintas: trigo, cevada e ervilha, bem como uma grande quantidade de pedaços de “barro de barrear”, possivelmente utilizado para o revestimento de estruturas habitacionais. A grande concentração destes vestígios detectados durante a prospecção e na intervenção arqueológica da Igreja de S. Pedro, leva-nos a concluir que a ocupação pré-histórica localizava-se na encosta Nordeste do morro. Aliando estes dados ao facto de existirem na zona vários povoados datados desse período, nomeadamente Castanheiro do Vento em Custóias¹, Castelo Velho em Freixo de Numão² e Citânia da Teja³, leva-nos a afirmar que também o morro de Numão terá sido ocupado na pré-história recente.

A presença significativa de numerosos materiais associados ao período romano, distribuídos principalmente pela área actualmente ocupada pela aldeia de Numão, permite-nos concluir que este foi um espaço intensamente ocupado durante este espaço cronológico. Do conjunto destes vestígios, destacamos uma ara votiva, várias inscrições rupestres, um cipo e vários fragmentos de *sigillata*, estes últimos exumados durante a intervenção arqueológica.

Tanto os dados arqueológicos, como algumas referências documentais, atestam a existência de uma ocupação no Castelo de Numão durante o período da Reconquista. É possível que uma estrutura defensiva, do tipo cerca ou torre, tivesse existido sobre um penedo granítico proeminente, localizado na vertente Norte do morro do Castelo sobranceiro à Igreja de S. Pedro de Numão e à sua necrópole de sepulturas escavadas na rocha. Neste local são visíveis inúmeros entalhes rectangulares abertos paralela-

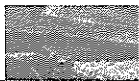


Castelo de Numão e aldeia actual

¹ Jorge (1990).

² Jorge (1990).

³ Sá Coixão e Trabulo (1995).



mente para o assentamento de alicerces de muros. Estes elementos podem estar relacionados com o castelo referido no documento de 960, no qual D. Flâmula doa ao Mosteiro de Guimarães, entre outros, o Castelo de Numão: «...nostros castellos id est Trancoso Moraria Longobria Naumam Vacinata Amindula Pena de Dono Alcobria Seniorzelli Caria cum alias penellas et populaturas...»⁴.

As campanhas de Almansor de 981-1002 resultaram na perda destes territórios por parte das forças cristãs, só voltando a ser recuperados por Fernando Magno entre 1055 e 1057. Este facto é confirmado pelo inventário dos bens do Mosteiro de Guimarães datado de 1059, onde voltam a ser referidos os mesmos lugares.⁵

Na carta de foral concedida a Numão em 1130 por Fernão Mendes de Bragança, são definidos da seguinte forma os limites do seu termo: *“Et illi termini de Nomam incipit a dorio et inde per cimam de cestoias et ferit in rio malo et inde ad portum de novias in agada discurrente aqua in dorium et de fauce de agada discurrente Dorio usque in custodias.”*⁶

Este termo engloba uma área tão vasta, que tem sido bastante discutida a posse deste território por parte de Numão, uma vez que neste espaço estão incluídas áreas que eram disputadas quer pela monarquia portuguesa e quer pela coroa leonesa. Certamente que este povoado nunca terá exercido o controlo efectivo sobre tão vasto território, no entanto, devido à escassez de cartas de foral concedidas durante a primeira metade do século XII nesta região⁷, acreditamos que Numão terá desempenhado um papel preponderante na reestruturação e consolidação desta região.

O foral de 1130, como outros concedidos no séc. XII, não representa uma vontade régia mas é antes a confirmação de que as relações de poder, nesta área e em todo o Norte, passam por um forte controle senhorial⁸. Não é o rei mas o Braganção Fernão Mendes que concede a carta de foral.

O Espaço Intramuros

O castelo de Numão, tal como hoje o conhecemos, é uma fortificação do séc. XI / XII, distinguindo-se um período de construção mais antigo no pano de mura-

⁴ PMH, DC 81.

⁵ Barroca (1990-91), vol. XI/XII, p.96-98

⁶ PMH, leges, p.369

⁷ Referem-se a existência das Cartas de Forais de Ansiães, Linhares, S. João da Pesqueira e Penedono em 1055-1063 e de Longroiva em 1124

⁸ Mattoso, J., (1993) *História de Portugal*, vol.II, pág. 14.



Torre Norte e espaço Intramuros



Igreja de Santa Maria de Intramuros

lha a Norte pela utilização de um aparelho não-isódomo e das quatro torres aproveitando as inflexões da cerca. Ao longo dos tempos, terá sido alvo de intervenções que alteraram a sua traça inicial, tal como o comprova um documento de 1285⁹ que refere a realização de obras no castelo, as quais poderão relacionadas as duas torres adossadas à

muralha, e um outro de 15 de Abril de 1460¹⁰ que menciona a necessidade de refazer os muros do castelo.

No interior da cerca muralhada, o espaço organiza-se em torno de dois caminhos principais que nos conduzem à Igreja de Stª Maria, de raiz românica com siglas figurativas e alfabéticas. Possui uma só nave separada da cabeceira por um arco ligeiramente apontado e um portal simples voltado a Sul, de arco também quebrado e com impostas decoradas com meias-esferas.

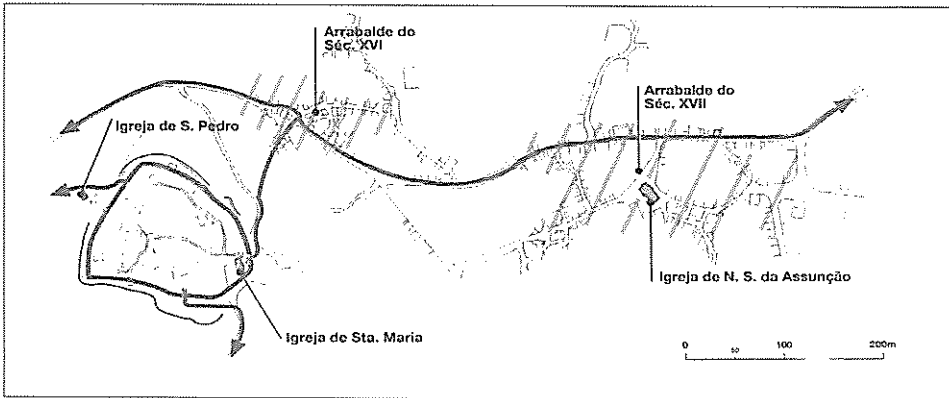
Na restante área são ainda visíveis inúmeras estruturas que constituíam as habitações ocupadas até ao séc. XVI¹¹.

Do castelo de Numão, saíam três eixos viários que ligavam a vila a outros lugares: da porta Norte partia o caminho em direcção ao Rio Douro; a porta Oeste dava acesso ao caminho que conduziria a Custóias e da porta voltada a Sul saía a ligação a Freixo e Marialva. Terá sido esta ligação que esteve na origem, já no séc. XVI, do arrabalde extra-muros já com 41 famílias, documentado no Numeramento

⁹ Gonçalves da Costa (1979), *História do Bispado de Lamego...*vol.II, pág.220

¹⁰ ANTT, Sé de Lamego, cx.5, nº13

¹¹ O espólio numismático recolhido durante os trabalhos arqueológicos, comprova esta longa diacronia de ocupação. De um total de 76 moedas, 12 correspondem ao grupo dos Dinheiros com cronologias que vão desde D. Sancho I a D. Fernando, destacando-se uma Mealha de D. Sancho I. O maior grupo é constituído pelos Ceitis com 40 unidades, com cronologias que vão desde D. Afonso V a D. João III. Existem ainda 9 moedas cunhadas no reinado de D. João I de que são exemplos os 1/2 reais brancos, meio real de 3 1/2 libras, real de 10 soldos e um 1/4 de real. Destaca-se ainda um 1/2 vintém de prata cunhado no reinado de D. Manuel I. A moeda mais recente diz respeito a V reais do reinado de D. Sebastião.



Principais eixos viários de Numão

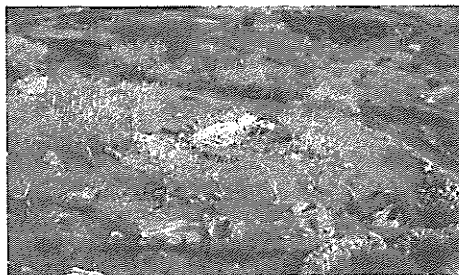
de 1527-1532, o que comprova o declínio do espaço amuralhado onde permanecem apenas 15 famílias.

No séc. XVII já não havia moradores no núcleo intramuros, habitando todas as famílias em número de sessenta no arrabalde, que se tinha entretanto alargado a um segundo núcleo, mais a Sul, organizado em torno de uma nova igreja paroquial, a de N^a S^a da Assunção. Esta terá sido, muito provavelmente, construída nos finais do séc. XVI com silhares provenientes do castelo, possuindo uma só nave com abóbada revestida de madeira pintada e quatro altares de talha dourada dedicados a N^a S^a da Assunção, a N^a S^a do Rosário, a S. José e a St^o António. Esta é a organização espacial que permanece e caracteriza a aldeia Numão até aos nossos dias.

Esta perda progressiva de importância que se verifica em Numão, pelo menos desde o séc. XIV, relaciona-se com o processo gradual de autonomização concedido a pequenas localidades vizinhas como Murça, Horta, Mós e Custóias e com a emergência de Freixo como principal centro administrativo que culmina com a transferência para esse local, no séc. XVI, dos principais responsáveis jurídicos, o alcaide-mor e os tabeliães.

A Igreja de S. Pedro de Numão

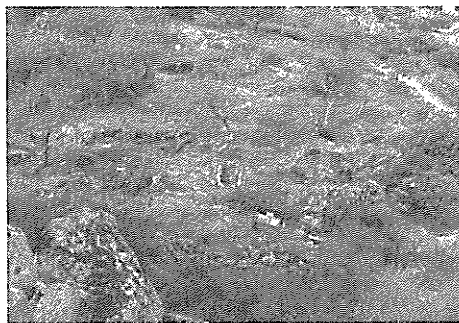
Implantada na encosta Norte do castelo de Numão, fora da linha de muralhas, a Igreja de S. Pedro é um espaço que desde a sua fundação permaneceu intimamente relacionado com a história e evolução do Castelo. A investigação arqueológica que decorreu entre 1995 e 2001 identificou, sob as paredes deste edifício, vestígios datados da pré-história recente com uma cronologia correspondente ao período Calcolítico-Bronze.



Igreja de S. Pedro de Numão

Sobre este primeiro momento ocupacional foi erguido este espaço de culto e prática religiosa, que deverá estar associado à estrutura castelar edificada durante o período da Reconquista Cristã¹². Este pequeno templo obedeceu a uma planificação baseada num traçado bastante simples, de planta rectangular onde sobressaem troços do seu aparelho construído com pedras irregularmente talhadas em diferentes dimensões. É possível que apresentasse um portal axial virado a Oeste, do qual actualmente não restam quaisquer vestígios, já que a parede orientada nesse sentido se encontra reduzida a uma única fiada de pedras. Este edifício seria ainda reduzido numa fase posterior à sua fundação, com o recuo da fachada original em cerca de quatro metros e a construção de um novo portal axial, actualmente testemunhado pela presença de uma pedra de soleira.

Da primitiva igreja de S. Pedro, sabemos que seria lajeada com pedras de tamanho e formato irregular e que junto ao local onde se implantava o altar existiam duas sepulturas antropomórficas, escavadas na rocha de base. Estas, perfeitamente alinhadas com as paredes do edifício são um elemento importante para a datação



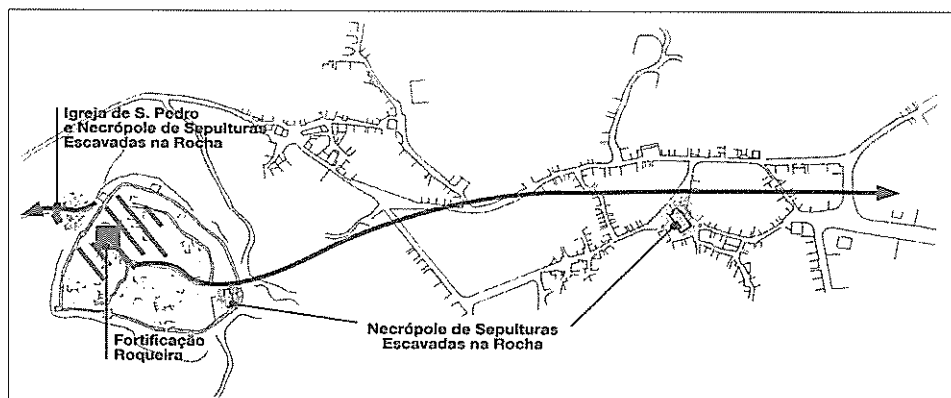
Necrópole de sepulturas rupestres de São Pedro de Numão

deste espaço religioso que, genericamente, se poderá enquadrar no período da Reconquista¹³.

No que se refere ao espaço sepulcral, para além da necrópole com 20 sepulturas antropomórficas que se desenvolve no afloramento rochoso para Sudoeste, a intervenção arqueológica detectou outras 31 sepulturas, que correspondem a dois momentos distintos de enterramento. O primeiro, e mais recente, constitui-se principalmente por sepulturas abertas em terra, sem qualquer tipo de estrutura delimitativa, excepção feita para

¹² Esta estrutura estará relacionada com o castelo referido pelo testamento de D. Flâmula datado de 960. PMH, DC, 81

¹³ A cronologia estabelecida para as sepulturas escavadas na rocha situa-se entre os sécs. IX-XI, podendo esporadicamente existir estruturas deste tipo construídas durante os sécs. XII-XIII.

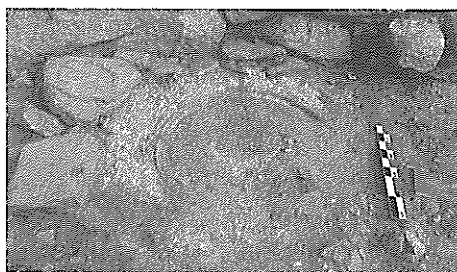


Necrópole de sepulturas rupestres em Numão

a colocação de pequenas pedras em redor do crânio no sentido de se conseguir a sua imobilização. O segundo nível de enterramento revela um maior cuidado colocado na preparação das inumações. Regista-se a presença de sepulturas escavadas no substrato rochoso, enterramentos feitos no interior de espaços delimitados por pequenas lajes graníticas e soluções mistas.

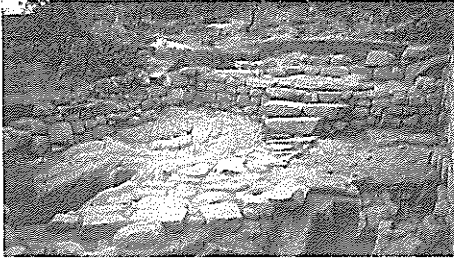
O conjunto osteológico exumado revelou um grau de conservação reduzido, com elevada fragmentação, resultante da significativa acidez do solo, da acção de raízes e da destruição provocada pelo uso agrícola sistemático do solo. Ainda assim, foi efectuado o estudo antropológico¹⁴ de uma amostra, correspondendo a cerca de 29 indivíduos adultos e 5 não adultos, situando-se a idade à morte dos adultos entre os 30 e 40 anos, em média. As más condições de preservação inviabilizaram a identificação do sexo em grande parte desta amostra, assim como o reconhecimento de patologias.

Outro dos elementos detectados nos trabalhos arqueológicos, foi a estrutura de modelagem e fundição do sino da igreja, localizada no seu interior junto à parede Norte. Apresentava vários círculos concêntricos de diversos diâmetros e colorações que correspondem a diferentes partes do molde, que era constituído



Pormenor da estrutura da fundição do sino

¹⁴ Da responsabilidade da equipa dirigida pela Doutora Eugénia Cunha do Laboratório de Paleodemografia e Paleopatologia do Departamento de Antropologia da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra



Pormenor do interior da Igreja de São Pedro de Numão

por duas capas de argila e uma falsa camisa onde era inserido o bronze¹⁵. A fundição no interior do espaço religioso seria uma prática bastante comum durante a Idade Média, realizada por artesãos especializados e itinerantes. Em termos cronológicos, este tipo de técnica será conhecida desde o séc. XII e terá perdurado até meados do séc. XVI, altura em que se verifica uma mudança na tecnologia de fundição.

Numa breve referência ao espólio cerâmico recolhido, este é *grosso modo* procedente da Baixa Idade Média, predominando os fabricos de louça preta com aplicações de cordões com incisões. Todo o grupo cerâmico é bastante micáceo e grosseiro e as formas variam entre as pequenas panelas de ir ao lume e os recipientes para armazenamento de alimentos. Um outro grupo, é constituído por cerâmicas dos períodos Calcolítico e Bronze, destacando-se as decorações com bandas penteadas vertical e horizontalmente. Registou-se, igualmente, o aparecimento de cerâmicas brunidas e decoradas com incisões.

A necrópole de S. Pedro terá sido utilizada durante um largo período de tempo e, apesar de não existirem dados provenientes de datações absolutas, podemos balizar a sua cronologia entre os séc. X/XI e o séc. XIV/ XV, altura em que a Igreja de St^a Maria de Intramuros¹⁶ assume o estatuto de igreja principal. A construção deste novo templo deverá remontar ainda ao séc. XIII¹⁷, erguendo-se sobre um núcleo de sepulturas rupestres já existentes¹⁸.

Só em meados do séc. XVII, com a construção de um novo espaço, situado no centro do arrabalde, Santa Maria perderá definitivamente o título de matriz para a Igreja de Nossa Senhora da Assunção.

¹⁵ Esta estrutura não foi intervencionada, encontrando-se preservada sob geotêxtil coberto com uma camada de terra.

¹⁶ SOALHEIRO 1996: p. 14, refere a transladação da pia baptismal, acto encarado como a transferência da importância de uma igreja para outra.

¹⁷ De acordo com referência documental datada de 1297, na qual é nomeado o cônego João Migueis para clérigo (COSTA 1979: vol.II, p.225)

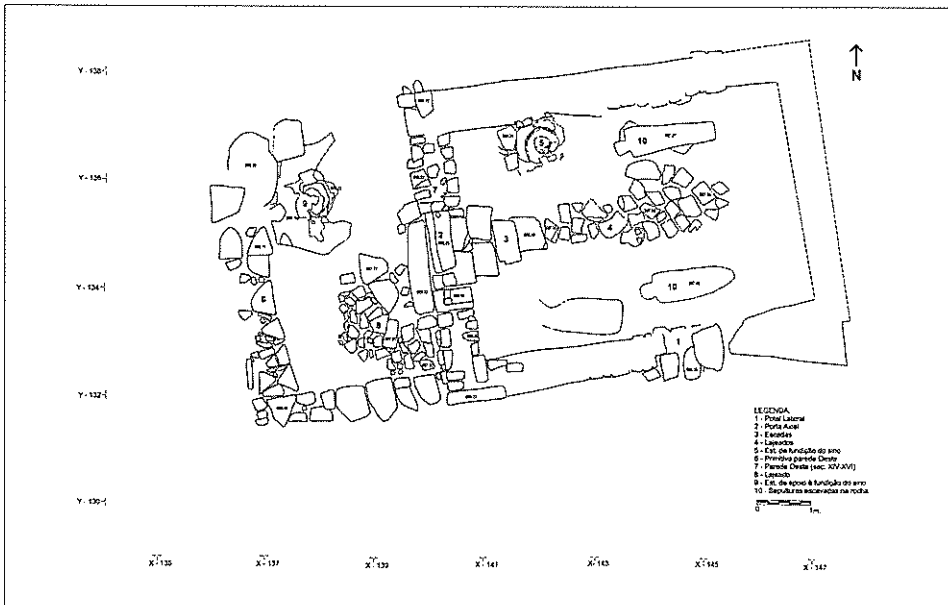
¹⁸ LOPES 2002: vol.I, p.293



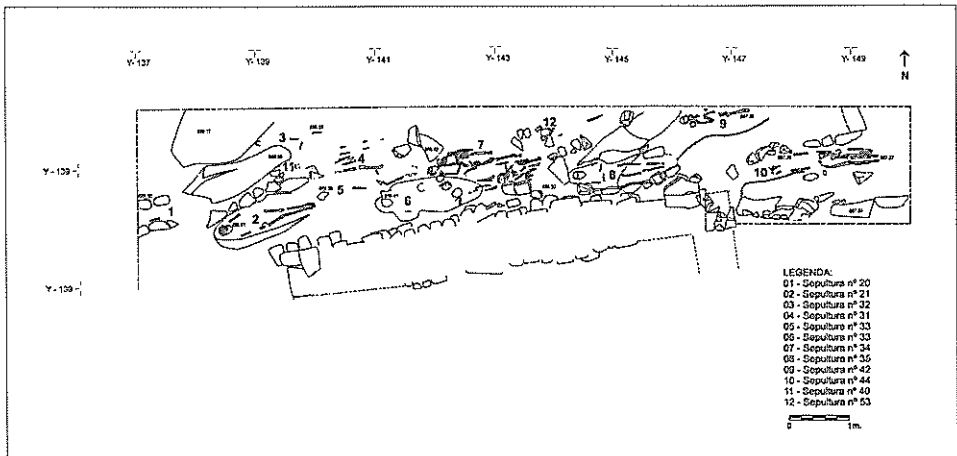
Sepultura junto à Igreja de São Pedro de Numão – 1º nível



Sepultura junto à Igreja de São Pedro de Numão – 2º nível



Planta da Igreja de São Pedro de Numão



Igreja de São Pedro de Numão 2º nível de enterramentos

Ao longo dos anos que durou este projecto, contamos sempre com o apoio do GEHVID e da Junta de Freguesia de Numão. Por ambicionarmos ir além da simples escavação arqueológica, submetemos propostas de valorização deste sítio monumental às diversas entidades competentes, infelizmente sem qualquer tipo de concretização.

Ainda assim, fizemos várias acções de divulgação dos trabalhos junto da comunidade local, nomeadamente uma exposição sobre as escavações arqueológicas realizadas, numa tentativa de sensibilizar para o valor do seu património e para a importância da sua preservação.

Foi ainda nossa preocupação a divulgação dos resultados obtidos junto da comunidade científica, pelo que participamos em vários congressos e publicações.

Finalmente, os dados recolhidos serviram ainda de base à tese de mestrado de uma das signatárias deste artigo.

Apesar de não termos atingido uma parte dos objectivos a que nos propusemos, designadamente a implementação de um projecto de valorização, julgamos ter contribuído para enriquecer o conhecimento da ocupação humana desta comunidade do Douro Superior.

Bibliografia

- ABRANCHES, Paula B.; LOPES, Isabel A.; VALENTE dos SANTOS, Heloísa, «Vila Velha de Numão (Vila Nova de Foz Côa). Uma primeira abordagem.» in *Douro – Estudos & Documentos*, nº 1, Porto, 1996
- ABRANCHES, Paula Barreira; LOPES, Isabel Alexandra; SANTOS, Heloísa Valente dos, “Capela de S. Pedro de Numão – 1ª intervenção na Vila Velha de Numão”, *CôaVisão*, nº 0, Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa, 1998
- ABRANCHES, Paula Barreira; LOPES, Isabel Alexandra; SANTOS, Heloísa Valente dos, “Vila Velha de Numão, um projecto de investigação arqueológica em curso”, *Terras do Côa. Da Malcata ao Reboredo. Os valores do Côa*, Estrela-Côa, Guarda, 1998
- BARROCA, Mário Jorge, «Do castelo da Reconquista ao castelo românico (séc. IX a XII)», in *Portugalia*, Nova Série, vol. XI-XII, Porto, 1990/91
- COSTA, M. Gonçalves da, *História da Cidade e do Bispado de Lamego*, vols. I, II, III, Lamego, 1977-79-82
- CURADO, Fernando, «Inscrição rupestre de Numão (Vila Nova de Foz Côa)» in *Ficheiro Epigráfico*, II, 1984
- Cortes Portuguesas. Reinado de D. Fernando I (1367-1383)*, vol. II (1383), Lisboa, Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1993
- DAVEAU, S. e GALEGO, J. *O numeramento de 1527-1532. Tratamento Cartográfico*. Memórias do Centro de Estudos Geográficos, nº 9, Lisboa, 1986
- DIRECÇÃO GERAL DOS EDIFÍCIOS E MONUMENTOS NACIONAIS, delegação do centro, processo relativo ao Castelo de Numão.
- Documentos das Chancelarias Reais*, sob dir. de Pedro de Azevedo, tomo I (1415-1450), Coimbra, Academia das Ciências de Lisboa, 1915
- DURAND, Robert, *Les Campagnes Portugaises entre Douro et Tage aux XIIe. et XIIIe. Siècles*, col. Civilização Portuguesa, IX, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, Centro Cultural Português, 1982
- FERNANDES, A. de Almeida, *Taroucae Monumenta Historica. Livro de Doações de Tarouca*, vol. I / 1-3, Braga, Câmara Municipal de Tarouca, 1993
- FERREIRA, J. A. Pinto, «Antiguidades de Numão», separata do *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*, vol. XVI, fasc. 1-2, Porto, 1953
- FERREIRA, J. A. Pinto, «Numão – notável estação arqueológica» in *Actas do I Colóquio Portuense de Arqueologia*, Porto, 1962
- FERREIRA, J. A. Pinto, «Cabeceiras de sepulturas medievais existentes em Numão» in *IV Colóquio Portuense de Arqueologia*, Porto, 1965
- FERREIRA, J. A. Pinto, «Numão Pré-Histórico» in *Arqueologia e História*, 8ª série, vol. XII, Lisboa, 1967
- FERREIRA, J. A. Pinto, «Achado de uma pedra singular na estação arqueológica de Numão» in *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. XX, fasc. 3-4, Porto, Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, 1968
- FERREIRA, J. A. Pinto, *A propriedade no antigo concelho de Freixo de Numão*, Lisboa, 1969
- FERREIRA, J. A. Pinto, «Pesos arcaicos de tear encontrados em Numão» in *I Jornadas Arqueológicas*, Lisboa, 1969

- FERREIRA, J. A. Pinto, *Antigo Concelho de Freixo de Numão – memórias paroquiais do séc. XVIII*, Lisboa, 1974
- FERREIRA, J. A. Pinto, «Numão através da História» in *Actas das III Jornadas Arqueológicas*, vol. I, 1977
- FONTES, Luís, LEMOS, Francisco Sande, CRUZ, Mário, “*Mais Velho*” que a Sé de Braga, *Cadernos de Arqueologia*
- GOMES, Paulo Dórdio, «O povoamento medieval em Trás-os-Montes e no Alto-Douro. Primeiras impressões e hipóteses de trabalho.», in *Arqueologia Medieval*, nº 2, Mértola, Ed. Afrontamento, 1993
- História de Portugal*, dir. de José Mattoso, vols. I, II, III, Lisboa, Círculo de Leitores, 1992-1993
- JORDA PARDO, Jesus F., *Estúdio geoarqueológico de un horno de fundir campanas del siglo XIV*, Instituto de Estudios Zamoranos, 1991
- JORGE, Susana Oliveira, «Desenvolvimento da hierarquização social e da metalurgia» in *Nova História de Portugal*, vol. 1, coord. de Jorge de Alarcão, Lisboa, Ed. Presença, 1990
- Livro da Igrejas e Capelas do Padroado dos Reis de Portugal – 1574*. Paris, Fund. Calouste Gulbenkian, Centro Cultural Português, 1971
- LOPES, Isabel Alexandra Lopes, *Contextos Materiais da Morte durante a Idade Média: as necrópoles do Douro Superior*, Dissertação de Mestrado em Arqueologia Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2002
- MARCOS VILLÁN, Miguel Ángel, MIGUEL HERNÁNDEZ, Fernando, *Maestros Campaneros, Campanas y su fabricación en Valladolid y su Provincia (siglos XVI a XVIII)*, Editora Provincial, 1998;
- Portugaliae Monumenta Historica. Diplomata et chartae. Leges et Consuetudines*, Lisboa, Academia das Ciências, 1867
- Relatório da análise paleobiológica do material osteológico exumado do Castelo de Numão* – Laboratório de Paleodemografia e Paleopatologia do Departamento de Antropologia da Universidade de Coimbra, Julho 1999
- Relatório da análise antropológica do material osteológico exumado das Necrópoles da Igreja de S. Pedro e da Igreja de Stª Maria do Castelo de Numão* – Laboratório de Paleodemografia e Paleopatologia do Departamento de Antropologia da Universidade de Coimbra, Fevereiro de 2004
- SÁ COIXÃO, A.; TRABULO A. A. Rodrigues, *Por terras do concelho de Foz Côa – Subsídios para a sua história, estudo e inventário do seu património*, Vila Nova de Foz Côa, ed. Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa, 1995.
- SÁ COIXÃO, A.; TRABULO A. A. Rodrigues, *Evolução político-administrativa na área do actual concelho de Vila Nova de Foz Côa – séculos XII a XX*, Vila Nova de Foz Côa, ed. Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa, 1995.
- SOALHEIRO, João, «A Capela de S. Pedro extra-muros de Numão – Mãe das igrejas numantinas», *O Fozcoense*, nº 1661 e nº 1662